

## **O DISCURSO AUTOBIOGRÁFICO NA BUSCA DE UMA IDENTIDADE PARA A AMÉRICA LATINA NO FILME *DIÁRIOS DE MOTOCICLETA* E NO LIVRO *DE MOTO PELA AMÉRICA DO SUL*.**

Profa. Ms. Jecilma Alves Lima<sup>1</sup> (UFBA)

### ***Resumo:***

A América é um continente marcado pela diversidade em várias esferas o que dificulta a consolidação de um conceito que possa abarcar tanta heterogeneidade e, assim, descrever o que seria "americanidade". Aplicarei aqui a noção de união em torno de um projeto de consolidação de identidade mas especificamente na América Latina, espaço em que transcorrem as obras relacionadas no título deste trabalho. Pretendo com este texto, tentar entender o impacto da textualização e da representação de experiências que subvertam, questionem e/ou desestabilizem os pressupostos de uma matriz eurocentrista das identidades culturais na América Latina, e de seus entrecruzamentos com outros processos de constituição identitária, assim como apontar para a presença importante das narrativas com traços autobiográficos, ocupando espaços abertos para que a contra-história da América Latina tenha visibilidade e assuma o seu papel na consolidação da identidade latino americana. Pretendo também observar que tipo de conjuntura cultural permite o surgimento e a circulação deste tipo de narrativa.

***Palavras-chave:*** Identidade, Americanidade, Autobiografia.

A América é um continente marcado pela diversidade em várias esferas o que dificulta a consolidação de um conceito que possa abarcar tanta heterogeneidade e, assim, descrever o que seria "americanidade". Segundo Márcio Bahia, no texto "Estratégias identitárias no continente americano: "*americanidad*", "*americanité*", "americanidade" e a ausência de "*americanity*", estes conceitos e todas as suas variantes só demonstra a necessidade de construir uma identidade que vá além da noção de cultura nacional e revele uma identidade cultural continental. Adotando a noção de "periferia" para analisar o termo, Marcos Bahía explica que o mesmo foi criado, entre outras coisas, para contrapor os resquícios da experiência colonial e contribuir para o processo de afirmação cultural dos países partes deste continente. Bahía nos mostra que a "perspectiva periférica do termo" tem dois eixos e o que me interessa para a construção deste ensaio é justamente a lógica do primeiro eixo que o autor descreve da seguinte forma:

O primeiro eixo é o mais evidente: para realizar o projeto de afirmação cultural americana, é necessário promover uma certa união continental. A lógica é a seguinte: a força, o vigor cultural americano reside no conjunto do continente, não na expressão fragmentada e associada a culturas nacionais circunscritas a espaços e sociedade restritas. (BAHIA, 2007, p.45)

Entendo que esta análise refere-se a América como um todo, mas aplicarei aqui esta noção de união em torno de um projeto de consolidação de identidade mas especificamente na América Latina, espaço em que transcorrem as obras relacionadas no título deste trabalho.

Pretendo com este texto, tentar entender o impacto da textualização e da representação de experiências que subvertam, questionem e/ou desestabilizem os pressupostos de uma matriz eurocentrista das identidades culturais na América Latina, e de seus entrecruzamentos com outros processos de constituição identitária, assim como apontar para a presença importante das narrativas com traços autobiográficos, ocupando espaços abertos para que a contra-história da América Latina tenha visibilidade e assuma o seu papel primordial na construção e consolidação da identidade latino americana. Pretendo também observar que tipo de conjuntura cultural permite o surgimento e a circulação deste tipo de narrativa.

Terei como objeto de análise e exemplificação o filme, dirigido pelo brasileiro Walter Sales e protagonizado pelo mexicano Gael García Bernal, *Diários de motocicleta*, que conta a viagem dos argentinos Alberto Granado e Ernesto Guevara da Argentina até a Venezuela em 1952. O filme é inspirado no livro *De moto pela América do sul*, do próprio Che Guevara que o organizou com base nas suas anotações de viagem.

O fato do filme ser inspirado em um diário remete-me à prática narrativa que vem ganhando força na contemporaneidade e que já se tornou um marco da literatura contemporânea: A autobiografia. Presentes principalmente nas narrativas intituladas como "diários" que, ainda que com um pretexto de ser uma escrita que represente um cotidiano individual, pelo seu caráter subjetivo e possibilitador de reinvenção da relação entre realidade e ficção, permite que o discurso ora emergente, e por muito tempo abafado, construa uma identificação que aproximaria histórias individuais, ficção e história social na América latina.

O próprio Che Guevara aponta, em trecho que parece ter como objetivo esclarecer o que motivou a registrar a sua trajetória e, mais tarde, a publicar o livro que inspirou o filme, para a importância da viagem não só para a consolidação de sua própria pessoa enquanto sujeito político, mas para expor pela ótica de um latino-americano os caminhos da "Maiúscula América". É interessante também observar no trecho destacado a consciência que ele tem de que todo discurso é parcial e revela um ponto de vista, um caminho apenas diante de vários que estão submersos e cabe ao leitor/espectador estabelecer o pacto de identificação com, e de aceitação ou não desta realidade exposta:

Assim, a moeda foi lançada e girou no ar; às vezes apareciam caras, às vezes, coroas. O homem, que é a medida de todas as coisas, fala através de mim e reconta por minhas palavras o que meus olhos viram. De dez caras possíveis, eu talvez só tenha visto uma única coroa, ou vice-versa: não há desculpa; minha boca fala o que meus olhos lhe disseram para falar. Teria nossa visão sido estreita demais, preconceituosa demais ou apressada demais? Teriam nossas conclusões sido muito rígidas? (...) A pessoa que tomou estas notas morreu no dia em que pisou novamente o solo argentino. A pessoa que está agora reorganizando e polindo estas mesmas notas, eu, não sou mais eu, pelo menos não sou o mesmo que era antes. Esse vagar sem rumo pelos caminhos de nossa Maiúscula América me transformou mais do que me dei conta. Qualquer manual de técnicas de fotografia pode mostrar uma paisagem noturna com a lua brilhando no céu e um texto ao lado que revele os segredos dessa escuridão iluminada. Mas o leitor deste livro não sabe que espécie de fluido sensitivo recobre minha retina, eu próprio não o sei com certeza, então não é possível examinar os negativos para encontrar o exato momento em que minhas fotos foram tiradas. Se eu mostrar uma foto noturna, você, leitor, é obrigado a aceitá-la ou recusá-la por inteiro, não importa o que pense. A menos que você conheça as paisagens que eu fotografei em meu diário, será obrigado a aceitar minha versão delas. Agora, eu o deixo em companhia de mim, do homem que eu era. (GUEVARA, 2001)

Che mostra-se consciente da inexorável ação do tempo e dos acontecimentos sobre as pessoas, culturas e lugares e a impossibilidade de apreensão e resgate de momentos históricos através da sua reprodução posterior, mas acredita que seus impulsos narrativos correspondem de maneira eficaz à necessidade de registro do momento. Um registro que, apesar de permeado por detalhes individuais, refletem o "homem, que é a medida de todas as coisas" falando através do autor do texto. Consciente também ele estava de que nenhuma cultura, assim como nenhum sujeito, continua igual depois do contato com outras culturas, e sabemos que as identidades nacionais na América latina pós-colonial são todas resultado deste contato.

O filme de Walter Salles, de uma forma sutil, expõe as consequências deste contato quando, durante a viagem, os protagonistas deparam-se com situações que os revoltam. Um exemplo disso acontece no Chile onde eles se mostram perplexos ao encontrar uma empresa multinacional que explora as riquezas minerais da América do Sul, recrutando para o trabalho, mestiços que são usados como mão de obra barata em regime de semiescravidão. O jovem Che chega ao ponto de discutir com os funcionários que maltratam os peões, fazendo com que os dois sejam expulsos do local.

O tratamento quase documental que o diretor dá ao filme, abre espaço para que cenários que revelam as dificuldades da população proletária dos países que fazem parte da rota dos viajantes sejam mostrados quase que como uma fotografia, de forma clara e precisa.

“Diários de motocicleta” é um “*road movie*” e, ao longo da viagem, temos a exposição de um amplo painel da diversidade geográfica e humana da América Latina, sob alguns aspectos, é a América do Sul revelada através da neve dos Andes, dos rios da Amazônia, da burguesa Buenos Aires e da fabulosa *Machu Pichu*, entre outros cenários igualmente impressionantes. Mas também é revelada através da exposição da situação dos mineiros explorados por uma empresa estadunidense no Chile, do tratamento preconceituoso ao qual são submetidos os leprosos na Amazônia venezuelana, do relato da visita a uma senhora doente de asma que não tem apoio em um sistema de saúde adequado, dos sem-terra peruanos.

Este encontro entre países sul-americanos que vemos no relato de Che, também está, de forma interessante, presente na produção de Diários de motocicleta. As nacionalidades encontradas na multinacional ficha-técnica do filme, com um diretor brasileiro, um astro mexicano, um coadjuvante argentino e um produtor estadunidense também apontam para uma integração latino-americana, incluindo, neste caso, o Brasil quase sempre esquecido nas discussões acerca das questões identitárias da América latina, talvez pela barreira da língua e de outras particularidades de seu agente colonizador. Esta barreira da língua não foi enfrentada pelos personagens do filme, uma vez que os países percorridos carregam a marca de uma colonização semelhante, ainda que apareçam características culturais e linguísticas particulares, como por exemplo o uso da partícula "Che", pelos argentinos, que, em algum momento, não especificado na obra ora analisada, dará o famoso apelido a Ernesto Guevara.

Ainda que não me pareça ser o interesse da obra demonstrar como se deu a construção do mito de "Che", interessa-me observar como este sujeito se forma dentro de processos constantes de desterritorialização e reterritorialização em uma América que, imersa no que poderíamos chamar de pluralismo cultural, vê-se diante da necessidade de conciliar a integração de diversas formações culturais e identitárias que a compõe. Talvez por este passeio pela diversidade cultural que apresenta, “Diários de motocicleta” tenha sido considerado um meio de afirmação do cinema latino-americano diante do cenário mundial. O certo é que não se pode negar a sensação de latino-americanidade que fica ao final da sessão.

Nesta viagem de Ernesto Guevara e Alberto Granado pela América me parece que tudo é evocado, em paralelo, para aludir à figuração canônica da América Latina. Em certa medida, o filme baseado do livro-diário de Che reflete também o esforço do autor latino americano contemporâneo para escrever suas histórias pessoais, que não deixam de ser parte de um imaginário coletivo, na História nacional.

Como é comum em filmes de viagens, a narrativa tenta mostrar como os personagens acabam encontrando a si mesmos ao longo do trajeto. No entanto, neste filme, algo além das descobertas individuais e internas é revelado: os personagens descobrem e revelam ao espectador uma certa unidade da América do Sul. Histórias de injustiça, pobreza, corrupção e espoliação são comuns aos países percorridos, conforme alguns exemplos já citados neste texto.

Assim, me parece que a construção do conceito de "Americanidade" dentro desta perspectiva latino-americana passa tanto pelo desafio da gestão das diferenças quanto pela força provocada pelos interesses comuns a todos os povos que habitam e dão características a este continente.

No texto "Entre-Lugar", Núbia Jaques Hanciau destaca o fato de que, nas últimas décadas, quando as descobertas de Colombo completam 500 anos, parece ter intensificado-se a necessidade de pensar o euro colonialismo nas Américas e, principalmente as suas consequências. Neste âmbito, abre-se espaços para o surgimento de novos discursos que, ao lado do oficial que celebra a superioridade europeia, encontra a oportunidade para afirmar a sua contra-história e trazer à tona uma dinâmica que Núbia Jacques chama de "dinâmica de fronteira". (HANCIAU, 2005, p.125)

Esta dinâmica é crucial para os povos da América latina que começa a perceber as potencialidades da diversidade e deste caráter intermediário favorecido pelas relações de fronteira. É justamente através destas peculiaridades que o espaço para a desconstrução do discurso hegemônico se apresenta. Em uma cena do filme, um guia mirim de Cuzco diz aos dois viajantes que se pode conhecer muito facilmente a diferença entre uma construção inca e uma espanhola, através da clamorosa superioridade técnica da primeira sobre a segunda. Com esta fala desfaz-se o discurso recorrente de que os colonizadores trouxeram um conhecimento técnico civilizatório superior ao dos povos autóctones.

É através da emergência dos discursos extraoficiais que se dá o contato os processos de construção da identidade de cada nação da América Latina e é o reconhecimento entre elas que podem gerar um sentimento de pertença que permita a reabilitação, por assim dizer, do termo "americano".

O crítico cinematográfico Daniel M. Delfino, em um crítica ao filme, publicada na ocasião do seu lançamento no Brasil afirma:

Estamos falando portanto de um filme bastante humano, bastante simples em sua forma e bastante profundo em sua sensibilidade. Um filme pautado por pequenos incidentes, pequenos percalços e peripécias, miudezas puramente humanas e nada heróicas. Ao invés de um esquerdismo programático, temos um humanismo difuso. É como se o velho latino-americanismo estivesse tentando voltar à origem, reencontrar sua inocência e sua inspiração. Nada mais apropriado nesse contexto do que resgatar a figura de Che. Nesse sentido, a nostalgia pela inocência e pelo idealismo de "Diários de motocicleta" faz dele a versão latino-americana de "Adeus Lênin". (DELFINO, 2004)

Acredito que é justamente dessas "miudezas" cotidianas, para as quais Daniel chama a atenção e fazem, segundo ele com que o filme ganhe em profundidade e sensibilidade, é exatamente destes atos "nada heroicos" que se constroem as narrativas contemporâneas latino-americanas, cujo interesse seria trazer a tona a micro-história que se fortalece a medida em que os grandes discursos, as macro-narrativas, vem perdendo em credibilidade. São estes "pequenos incidentes" que revelam as relações de conflito entre a história oficial e a parte não contada. E são essas relações de conflitos que poderão permitir o surgimento de uma nova estética que caracterize a América como um todo.

São os pequenos discursos, as vozes consideradas periféricas que se fazem ouvir, que apontam uma nova perspectiva na relação entre os povos das Américas e as obras analisadas neste trabalho provam que a estratégia narrativa autobiográfica na contemporaneidade parece ser um dos caminhos para que esta nova estética, que poderá trazer a tona os elementos constituintes de uma identidade latino-americana, consolide-se e ocupe os espaços deixados pela desconstrução dos discursos hegemônicos.

## **Referências Bibliográficas**

- 1] BAHIA, Marcos. *Estratégias identitárias no continente americano: "americanidad", "americanité", "americanidade" e a ausência de "americanity"*. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 11, n. 20, p. 43-55, 1º sem. 2007
- 2] DELFINO, Daniel M. *"Diários de motocicleta": o renascimento da latino americanidade*. Disponível em <http://www.espacosocialista.org/node/68> acesso em 09/07/2012.
- 3] GUEVARA, Ernesto Che. *De moto pela América do Sul. Diário de viagem*. Trad. Diego Ambrosini. São Paulo, 2001.
- 4] HANCIAU, Núbia Jacques. *Entre-lugar*. In: FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.
- 5] SALLES, Walter. *Diários de motocicleta*. Título original "The Motorcycle Diaries". Estados Unidos, 2004.

---

i **Jecilma LIMA, Profa. Ms. e Doutoranda do Programa de Pós graduação em literatura e cultura**  
Universidade federal da Bahia (UFBA)  
jecilma@hotmail.com